

## **REFLEXÕES SOBRE A NOVA ERA: UMA ANÁLISE CRÍTICA E FIGURATIVA SOBRE A OBRA “ETERNITY” DE ALICE COLTRANE/TURIYASANGITANANDA**

André de Alexandri Filho<sup>1</sup>, Luigi Antonio Irlandini<sup>1</sup>

<sup>1</sup>André de Alexandri Filho, acadêmico do Curso de Licenciatura em Música – CEART – bolsista PROBIC/UDESC

<sup>2</sup>Orientador: Luigi Antonio Irlandini, Departamento de Artes – CEART – cosmofonia.lai@gmail.com

Palavras-chave: Música New Age. Alice Coltrane/Turiyasangitananda. Filosofia da música.

O devido artigo se propõe a analisar as músicas presentes no álbum “Eternity” de Alice Coltrane/Turiyasangitananda a partir de um olhar crítico e figurativo, procurando relacionar o álbum com o movimento cultural denominado por “New Age” que surgiu na segunda metade do século XX. Portanto, contemporâneo e de relevante importância para compreender a produção da obra assim como sua recepção e percepção no cenário artístico e cultural da época e até os dias atuais.

Neste trabalho não me proponho a solucionar certas questões específicas tais como: delimitar de forma estrita o que pode estar dentro ou fora do conceito de New Age, julgar a legitimidade de certos grupos ou obras que se autodenominam cocriadores da Nova Era, e, se o devido álbum pode ser considerado ou não um álbum New Age. A partir disso, a análise crítica e figurativa que fiz está mais voltada no âmbito de propor e instigar questões, novos olhares e percepções sobre a devida obra artística e o movimento da “Nova Era”, por conseguinte, já considero estes pontos como sendo meus resultados ou objetivos a serem alcançados, ou seja, a reflexão sobre estes movimentos socioculturais e sua importância na vida individual e coletiva/global na contemporaneidade.

Do ponto de vista crítico da análise, buscarei por demonstrar como certos autores (tais como Berendt e Da Silveira) e artistas (como John Lennon, John Coltrane e a própria Turiyasangitananda) argumentam e representam através de suas músicas, escritos e pronunciamentos, à respeito da filosofia e da praticidade de algo que considero se encaixar em umas das definições de “Nova Era” em relação aos modos de pensamento e de vida em sociedade mais “tradicionais” em nossa cultura Ocidental. No viés figurativo da análise, as interpretações e/ou percepções sobre as músicas do álbum Eternity, assim como as denominações para determinados movimentos sociais, artistas e pensadores, são geralmente de cunho abstrato, pessoal e não definitivo; o que considero ser de extrema importância para entender que as significações artísticas, espirituais e práticas desse artigo são reflexões e sinapses pessoais minhas, e que devem ser interpretadas primeiramente de forma subjetiva (daí o termo “figurativo”), sem a necessidade da comparação competitiva com outras interpretações em busca de um ponto de vista único. Em outras palavras, a aceitação do paradoxo em seus diferentes níveis de realidade individual e coletiva, e também, a valorização e compreensão dessas diferenças, buscando ressaltar a subjetividade de cada um.

O álbum *Eternity*, objeto de estudo deste artigo, possui características marcantes e sui generis, dentre elas: o enorme ecletismo e um certo aspecto simbólico e ecumênico, que demonstra uma abertura estética imensa no que faz alusão a um cosmos sempre moldável e condicionado apenas pela imaginação humana e seus devidos contextos. Composto apenas por seis faixas de música, a obra perpassa os universos do blues, jazz, orientalismos e africanidades, funk norte-americano, música clássica e contemporânea europeia; tudo de forma muito bem engendrada ao ponto de (ao escutar o álbum) o ouvinte ir viajando por estes universos de forma fluida, onde muitas vezes, as camadas estético-culturais se sobrepõem, se conectam e se perpassam.

Considero que a instrumentista e compositora, Alice Coltrane/Turiyasangitananda, fez por merecer o título do álbum, que simboliza e/ou figura a eternidade e a infinitude das combinações sonoras, e o quanto pode se evocar de cada cultura apenas se utilizando de aspectos característicos como timbres instrumentais, escalas próprias, modos de improvisação rítmica e melódica, arranjos contrapontísticos e a própria dialética musical; mostrando que a música é um dialeto que conversa com o espírito, a alma e as emoções dos indivíduos, isso só para falar de algumas esferas palpáveis em nosso universo material concebível, pensando que este álbum, mais do que tudo, visa ser uma apreciação que caminha em direção da transcendência, no sentido mais amplo da palavra.

Em última instância, os resultados que procuro evocar em cada um dos leitores é uma atenção maior aos movimentos tidos como provindos ou constitutivos da Nova Era (não somente no campo das artes mas também na área da ciência como é o exemplo da física quântica, e, nas áreas políticas de reivindicações sociais e modelos alternativos), uma atenção maior ao papel da transcendência, espiritualidade e música em nossa sociedade (resgatando valores de antigas culturas como da Grécia e Índia antigas), e também uma valorização ou apreciação maior desta artista (exemplo de mulher negra empoderada) e deste álbum como símbolos ou representantes de uma mudança de consciência, que, considero caminhar para um desfragmentar sociocultural humano, e que prima pela busca da paz e do amor coletivo e individual de uma forma sustentável e respeitosa a todos os seres humanos em suas diferentes manifestações artísticas e culturais.